

# A LITERATURA *PULP FICTION* DE PATRÍCIA GALVÃO

Francisco Carlos Ribeiro<sup>1</sup>

Olga Brites<sup>2</sup>

## Resumo

Em seus contos policiais, Patrícia Galvão não se conformou simplesmente às regras da literatura policial; assimilando os seus elementos, deu-lhes um novo significado por meio de suas personagens, criando *singularidades híbridas* sem cair no lugar-comum das adaptações convencionais.

**Palavras-chave:** Patrícia Galvão, Literatura Policial, Conto.

## Abstract

In her police stories, Patrícia Galvão did not simply conform to the rules of police literature; assimilating its elements, it gave them a new meaning through its characters, creating hybrid singularities without falling into the commonplace of conventional adaptations.

**Keywords:** Patrícia Galvão, Police Literature, Short Story.

## Introdução

---

<sup>1</sup> Doutorando em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP-SP). E-mail: <fcr.academia@hotmail.com>.

<sup>2</sup> Orientadora da pesquisa e docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: <olgabrites@uol.com.br>.

Durante o mestrado a problemática central de minha dissertação consistiu em analisar a interpretação que Erico Verissimo (1905-1975) realizou no episódio *A fonte*, de seu romance histórico *O continente*, de sua trilogia *O tempo e o vento*, para a questão do papel das missões jesuítico-guarani na formação histórica do Rio Grande do Sul. Foi uma experiência instigante, que permitiu realizar um estudo sobre um romance importante da literatura brasileira.

No doutorado, apesar de continuar no campo das relações História-Literatura, resolvi adentrar-me em uma investigação sobre a *ficção policial brasileira*, focada na literatura *pulp fiction* dos contos da escritora paulista Patrícia Galvão (1910-1962).

O objetivo do presente texto é, portanto, apresentar uma visão parcial dessa pesquisa em andamento.

A expressão “literatura *pulp fiction*” se refere aos temas e enredos desenvolvidos em revistas de papel barato, fabricados a partir da polpa de celulose, e que se caracterizaram como um tipo de entretenimento rápido, sem grandes pretensões estéticas.

Sua origem se deu no início do século XX nos Estados Unidos, chegando ao seu apogeu nos anos 1920-1930. No Brasil, surgiu a partir de 1934, como influência da Política de Boa Vizinhança, desenvolvida pelo governo de Franklin Delano Roosevelt (1933-1945).

Embora não se possa afirmar que tenha havido uma *Pulp Era* brasileira, como ocorreu entre os estadunidenses, esse tipo de

literatura chegou a fazer bastante sucesso entre a população de classe média, jovem e masculina. No Brasil, elas também ficaram conhecidas como “revistas de emoção”, das quais se destacaram *Detective*, *X-9* e *Contos Magazine*. Do ponto de vista editorial, todas elas seguiram o padrão das *pulp* americanas, copiando esteticamente o seu estilo, conteúdo e forma.

Patrícia Galvão (Pagu) teve sua obra literária praticamente esquecida até meados dos anos 1980, quando então foi “redescoberta” pelo poeta Augusto de Campos, que publicou pela Editora Brasiliense, o livro *Pagu: vida-obra*<sup>3</sup>. Campos surpreendeu os meios literários ao realizar essa antologia, pois pouco se conhecia sobre Patrícia Galvão e sua produção. Com o tempo, *Pagu: vida-obra*, se tornou uma referência obrigatória para os estudiosos da autora, porquanto foram incluídos os seus textos, ilustrações e fotografias. Foi um início promissor, que se consolidou com a estreia do filme *Eternamente Pagú*<sup>4</sup>, de Norma Bengell, em 1988.

Patrícia Galvão publicou, sob o pseudônimo de King Shelter, doze contos na revista *Detective* entre julho e dezembro de 1944. A “descoberta” de sua literatura de ficção policial, ocorreu de uma forma puramente acidental, como nos relata seu filho Geraldo Galvão Ferraz:

King Shelter ressurgiu quase por acaso. Eu conhecia esse pseudônimo da Patrícia Galvão pela leitura de algumas cartas trocadas por meus pais em que se mencionava KS e

---

<sup>3</sup> CAMPOS, Augusto de. **Pagu**: vida-obra. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

<sup>4</sup> ETERNAMENTE PAGÚ (1988). Produção: Agostino Janequine e Jayme del Cueto. Direção: Norma Bengell. Brasil: São Paulo. 101 minutos, sonoro, colorido.

pela referência direta de meu pai, Geraldo Ferraz. Mas nunca tinha visto um texto assinado por King Shelter. Certo dia, descobri, na saudosa Livraria Gibi, em São Paulo, uma coleção, encadernada num marrom atroz, da revista Detective, dos anos 30 e 40. Comprei-a, mas sem nenhuma ligação consciente com o fato de Patrícia Galvão ter escrito nela.

Então, como num romance, o destino fez sentir sua mão. Procurando alguma informação (não me lembro qual), dei de cara com uma história de King Shelter. A *madeleine* funcionou. Lembrei do pseudônimo de Patrícia Galvão e fiz o levantamento das novelas de King Shelter na minha coleção de Detective. O pseudônimo saía da tumba em que estivera por mais de cinquenta anos.<sup>5</sup>

### **Tabela: Os contos policiais de King Shelter/ Patrícia Galvão.**

<b>Título</b>	<b>Edição</b>	<b>Data</b>
A esmeralda azul do gato do Tibet	196	15 de junho
O mistério do navio perdido	198	15 de julho
A máscara de sangue	199	01 de agosto
As noivas da morte	200	15 de agosto
Uma mulher entre monstros	201	01 de setembro
O dinheiro dos mutilados	202	15 de setembro
O criminoso da Rua Lessueur	203	01 de outubro
Morte no Varieté	204	15 de outubro
Uma quadrilha em Paris	205	01 de novembro
A peste azul	206	15 de novembro
A mão viva da morte	207	01 de dezembro
Ali Babá na Inglaterra	208	15 de dezembro

<sup>5</sup> FERRAZ, Geraldo Galvão. *A pulp fiction de Patrícia Galvão*. In GALVÃO, Patrícia. *Safra macabra*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1998, p. 3.

Fonte: Elaborada pelo autor, 2020.

Ferraz localizou os doze contos originais publicados na revista *Detective* em 1944, dos quais nove foram por ele reunidos na coletânea *Safra macabra*<sup>6</sup> em 1998.

Ao se aprofundar os estudos de seus contos, percebe-se que Patrícia Galvão, enquanto King Shelter, não se conformou simplesmente às regras da literatura policial; antes, porém, assimilou antropofagicamente os seus elementos e a partir deles, os ressignificou por meio de suas personagens, criando *singularidades híbridas* sem cair no lugar-comum das adaptações convencionais. Ela realizou uma obra policial que não transgrediu as regras básicas do gênero, mas que adequadamente soube adaptá-las aos seus conceitos ideológicos e culturais.

O objetivo de minha pesquisa é analisar essas singularidades, através de dois elementos ideológicos significativos de sua trajetória: o conceito de *antropofagia cultural* defendida por sua geração literária, e os seus *valores marxistas* apresentados em relação à elite burguesa que ela combateu.

Como participante do Movimento Antropofágico, Patrícia Galvão procurou em seus contos policiais aplicar a *concepção antropofágica* de se assimilar outras culturas, sem, porém, copiá-las. Associada ao ato de ruminar, assimilar e deglutir, a palavra “antropofagia” foi esteticamente aplicada a ideia de metamorfosear a

---

<sup>6</sup> GALVÃO, Patrícia. **Safra macabra**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1998.

cultura, principalmente a europeia, conferindo-lhe assim, um caráter mais local.

Como participante convicta dos ideais do Partido Comunista Brasileiro, Pagu recebeu forte influência do pensamento marxista. Mesmo afastada do partido quando escreveu os seus contos policiais, ela conservou suas crenças esquerdistas. Ela, no entanto, não escreveu literatura policial para divulgar seu ideário político, apesar dele aparecer habilmente entretecido em seus contos.

Segundo os conceitos teóricos de Ernest Mandel, essa foi uma decisão acertada, pois, “*o máximo que um romance policial sofisticado consegue atingir no nível ideológico é revelar e intensificar a crise geral da ideologia burguesa que caracteriza o capitalismo tardio*”<sup>7</sup>.

Em seus contos, Pagu *sutilmente* apresenta essa crise da sociedade burguesa. O clima de disputa entre os membros de uma família pela posse de uma joia ou a ambição desmedida entre os sócios de uma mesma empresa, não são apenas um pano de fundo dramático para se narrar suas histórias.

Para exemplificar o tipo de abordagem que se está realizando, apresento abaixo *uma análise parcial* do primeiro conto policial de Patrícia Galvão — *A esmeralda azul do gato do Tibet*. Ele foi publicado na edição n.º 196 da revista *Detective*, no dia 15 de junho de 1944, com o preço de capa de Cr\$ 1,50 e com o dramaturgo Nelson

---

<sup>7</sup> MANDEL, Ernest. *Idem*, p.197.

Rodrigues (1912-1980) como editor. Colocado no final da revista, após os capítulos dos romances *O fantasma da ópera*, de Gaston Leroux, e *Drácula*, de Bram Stoker, foi diagramado em duas colunas, sendo intercalado por anúncios dos cigarros *Liberty* e *Lactargil*, do mensário *A cigarra*, e do folhetim *Meu destino é pecar*, de Suzana Flag (pseudônimo de Nelson Rodrigues).

No sumário da revista, o conto foi grafado erroneamente com o título de *A esmeralda azul do gato do Tiber*, sendo anunciado como uma participação “*especial para Detective*” de um autor estrangeiro. O conto foi introduzido por Nelson Rodrigues como “*a mais sombria e trágica das aventuras. Impossível abandonar a história no meio. Trata-se de uma novela inesquecível*”.

A narrativa transcorre na pequena cidade francesa de Orange, famosa por suas ruínas romanas, e para onde haviam se transferido vários artistas da Comédia Francesa, pois todos os anos lá ocorriam representações de peças teatrais à moda helênica, que atraíam muitos turistas. A história acontece no Château Bolsena, antiga residência de campo de um nobre italiano, que foi recentemente comprado por uma rica jovem britânica, a personagem central do mistério, a senhorita Mary Gerreson.

Acostumada a viver só, *miss Gerreson*, após muito percorrer o mundo, resolveu fixar residência no sul da França, tendo apenas como companhia a presença de seu velho mordomo e de sua governanta,

além das quatro criadas e do chofer, que já faziam parte do *staff* do pequeno castelo.

Movimentava Orange, além do festival de teatro, a notícia de que Mary Gerreson compareceria em um dos espetáculos usando uma joia especialmente trazida da Índia, que herdara de seu tio. Essa pedra preciosa era

a célebre ‘esmeralda azul’, joia sagrada dos templos do Tibet de que um ascendente transmitia, a juízo do testador, para este ou aquele herdeiro, como legado de caráter especial... Muitas histórias corriam em torno da preciosa joia, à qual se atribuía às vezes a fortuna e a riqueza dos Gerreson, quando não se lhe atribuía maléfica influência que acarretara desgraças para o seu portador.<sup>8</sup>

Nesse fragmento está a base do enigma da narrativa, na medida em que se atribui poderes misteriosos à famosa esmeralda que podem ser exercidos sobre seu proprietário. Ao se referir a ela como uma “*joia sagrada dos templos do Tibet*” que pertencia a um inglês, Patrícia Galvão destaca sutilmente a dominação que os britânicos efetivaram sobre os povos em que estenderam seu Império Colonial.

Dentre os países metropolitanos, foi obviamente para a Grã-Bretanha que o imperialismo teve maior importância, uma

---

<sup>8</sup> GALVÃO, Patrícia. **Safra macabra**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1998, p. 20.



vez que sua supremacia econômica sempre dependera de sua relação especial com os mercados ultramarinos.<sup>9</sup>

Ela demonstra igualmente, através de sua ficção, o interesse dos colonizadores pela espiritualidade dos povos orientais, como mais tarde, através de sua historiografia, também destacou Eric Hobsbawm: “*o imperialismo ocasionou um aumento notável no interesse ocidental em formas de espiritualidade derivadas do Oriente*”<sup>10</sup>.

A esmeralda deveria ser entregue por um “*cavalheiro muito bem trajado, discreto e de fisionomia enérgica, com o seu cachimbo sempre à mão*”<sup>11</sup>, ou seja, por um “autêntico” inglês originário da cidade de Bombaim. Com tal descrição física do portador oficial da joia, Patrícia Galvão exibe o sentimento de superioridade do colonizador britânico sobre o indiano. Hobsbawm também analisou esse senso de primazia ao afirmar que “*é impossível negar que a ideia da superioridade em relação a um mundo de peles escuras situado em lugares remotos e sua dominação era autenticamente*”<sup>12</sup> benéfica e popular para a política imperialista. O conto, porém, desloca a centralidade do protagonismo europeu da narrativa ao colocar um detetive particular indiano, Oswaldo Galara, como o verdadeiro

---

<sup>9</sup> HOBBSAWM, Eric J. **A era dos impérios 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 111.

<sup>10</sup> HOBBSAWM, Eric J. **Idem**, p. 120.

<sup>11</sup> GALVÃO, Patrícia. **Idem**, p. 20.

<sup>12</sup> HOBBSAWM, Eric J. **Idem**, p. 106.

portador da esmeralda e da inteligência que será capaz de solucionar os futuros enigmas da trama.

Galara é descrito como “*um homem esguio e fino, de aparência tímida mas de olhar direto e confiante... [e] para quem não estivesse informado... poderia ser identificado como um nobre aristocrata, da mais alta estirpe, amorenado pelo sol de suas incursões tropicais*”<sup>13</sup>. Pagu, aqui, desenha um detetive nativo da Índia, com atitudes refinadas e elegantes à moda europeia, com perspicácia e envergadura intelectual para ser o verdadeiro encarregado pelo transporte da preciosa e mística relíquia. Vê-se, aqui, uma construção antropofágica do personagem, que preserva suas características tropicais de “colonizado”, mas que soube assimilar aspectos culturais do europeu “colonizador”.

O conflito pela posse da esmeralda ocorre dentro da família Gerreson, em que Mary, a herdeira legal, a disputa com os primos Gary e Fred Garnit sem o saber. Gary a deseja por razões arqueológicas, pois ele é apaixonado por artefatos budistas. Ele, ao descobrir que não foi o beneficiado pelo testamento do tio, tentou comprar a joia da prima, mas, com sua recusa, procurou roubá-la, assassinando por engano Nora Gray, amiga de Mary. Fred, por sua vez, ambiciona-a por acreditar na lenda de suas propriedades místicas, que prometiam a imortalidade ao seu possuidor. Ele também mata René, o chofer de *miss* Mary, quando rouba a pedra de seu

---

<sup>13</sup> GALVÃO, Patrícia. *Idem*, p. 21 e 28.

esconderijo. Assim, Patrícia Galvão demonstra a ganância sem meios-termos da elite burguesa, que despreza e combateu como membro do Partido Comunista.

Após a resolução dos crimes cometidos, o conto termina com a insinuação de *miss Mary* ao detetive Galara, de que gostaria de deixar um pouco a França e comprar uma passagem para Calcutá, cidade onde ele residia. Com esse final incomum, Patrícia Galvão estabelece a possibilidade de um relacionamento inter-racial entre uma jovem aristocrata metropolitana com um representante da colônia.

Em suma, Patrícia Galvão, enquanto *King Shelter*, em seu primeiro conto, procurou dialogar antropofagicamente com a cultura do colonizado e do colonizador, criando um detetive indiano capaz de solucionar dois assassinatos ocorridos na França. Ela soube também interagir com o “modelo clássico” e o “modelo *hard-boiled*” da literatura policial, ao colocar a narrativa dentro de um ambiente burguês sofisticado, mas com um detetive profissional que trabalha para viver. Sem fazer panfletagem ideológica, ela expõe habilmente a crise de valores da sociedade burguesa, em que dois personagens que a ela pertencem são capazes de matar para conseguir o que desejam.

Pretende-se, desse modo, analisar esse e os demais contos criminais da safra macabra de *Patrícia Galvão – King Shelter* à luz de sua cosmovisão antropofágica e marxista.

## Referências

BOILEAU, Pierre & NARCEJAC, Thomas. **O romance policial**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

CAMPOS, Augusto de. **Pagu: vida-obra**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

FERRAZ, Geraldo Galvão. **A pulp fiction de Patrícia Galvão**. In GALVÃO, Patrícia. *Safra macabra*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1998.

FONTES, Joaquim Rubens. **O universo da ficção policial**: um estudo sobre o gênero policial. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2012.

GALVÃO, Patrícia. **Safra macabra**: contos policiais. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1998.

HOBSBAWM, Eric J. **A era dos impérios 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

MANDEL, Ernest. **Delícias do crime**: história social do romance policial. São Paulo: Busca Vida, 1988.

NIELSEN, Annie Alvarenga Hyldgaard. **A face oculta de Pagu**: um caso de pseudotradução no Brasil do século XX. Mestrado em Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

RIBEIRO, Francisco C. **A missão na literatura**: a redução jesuítica em *A fonte de O tempo e o vento*. São Paulo: E-Manuscrito, 2018.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.